

O “MANGUE” E AS FOMES: BREVES CONSIDERAÇÕES SOCIOLÓGICAS EM BUSCA DA DIGNIDADE

Michelle Cristine Medeiros da Silva
Discente do Curso de Nutrição da UFRN

Célia Márcia Medeiros de Moraes
Professora do Curso de Nutrição da UFRN
E-mail: mcmmediross@gmail.com

RESUMO

Um dos meios de se alcançar a dignidade é a garantia de uma alimentação adequada: um direito humano básico. Este direito começa pela luta contra a fome e vai muito além. Sem dúvidas, esse era o ponto de vista de Josué de Castro. Não queria apenas a garantia do fornecimento de uma “ração básica”. A luta era (e é) por algo muito mais grandioso: uma luta pela dignidade, pela (re)construção do ser, pela formação, pela potencialização de dimensões. Uma terra de seres pensantes e críticos. Ademais, o acesso à cultura de seu povo é negado aos que experimentam a fome (privação alimentar). A anulação desse contato, mais uma vez coloca os excluídos numa situação de alienação: bocas são caladas, olhos fechados e ouvidos tampados. Quem não come, não discute, não protesta. Sem a conexão com seu eu, suas memórias, o passado de seu povo, o seu corpo e espírito, não podem resgatar lembranças que tornam essas pessoas diferentes da multidão. Esses “João Paulos” não tem acesso aos direitos fundamentais (moradia, alimentação, saúde e educação), por isso não podem exercer sua cidadania, nem tampouco contribuir para o desenvolvimento da sociedade. Visa-se neste estudo fazer breves considerações do ponto de vista sociológico das duas grandes obras de Josué de Castro: *Homens e Caranguejos* e *Geografia da fome*. O objetivo primário é que possamos

reconhecer que é um desafio imposto a nós vencer a fome e todos os abismos que separam os seres humanos uns dos outros.

Palavras Chave: Fome. Josué de Castro. Dignidade.

1 INTRODUÇÃO

“Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os
dejetos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um
homem.”

[M. Bandeira (1986, p. 283-284)]

Cenas como esta, deixam muitos perplexos diante da realidade a qual milhões de seres humanos enfrentam no seu dia-a-dia. O que torna os homens diferentes dos “bichos”? O que os coloca algumas vezes depois de animais na prioridade da escolha de alimentos? Segundo o documentário experimental sob a direção de Jorge Furtado (1989), Ilha das Flores, “é o fato de não terem dinheiro nem dono”, animais que tem donos, recebem cuidados destes, inclusive alimentos de qualidade. O homem é livre, e por isso muitas vezes enfrenta circunstâncias adversas, por exemplo, a fome. Observa-se

que a liberdade, pode não ser muito vantajosa se não há meios dignos de exercê-la, apesar de ser muito desejada como mostra Cecília Meireles (*apud* FURTADO, 1989): “Liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda”.

Um dos meios de se alcançar a chamada dignidade é a garantia de uma alimentação adequada: um direito humano básico. Para Valente (2002, p.38), esse direito começa pela luta contra a fome e vai muito além:

Assim, o direito à alimentação passa pelo direito de acesso aos recursos e meios para produzir ou adquirir alimentos seguros e saudáveis que possibilitem uma alimentação de acordo com os hábitos e práticas alimentares de sua cultura, fortalecendo também sua saúde mental e sua dignidade humana.

Josué de Castro, um dos maiores pioneiros na luta contra fome, aborda de forma brilhante o mimetismo homem-animal em sua obra *Homens e Caranguejos*, expondo o sentimento profundo que o fenômeno da fome desperta em si. No prefácio deste romance fala dos habitantes do mangue como “meio homens e meio bichos”:

Esta é que foi a minha Sorbonne: a lama dos mangues do Recife, fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejo. Seres anfíbios — habitantes da terra e da água, meio homens e meio bichos. Alimentados na infância com caldo de caranguejo: este leite de lama. Seres humanos que faziam assim irmãos de leite dos caranguejos. Que aprendiam a engatinhar e a andar com os caranguejos da lama, de se terem enlambuzado com o caldo grosso da lama dos mangues e de se terem impregnado do seu cheiro de terra podre e de maresia, nunca mais se podiam libertar

desta crosta de lama que os tornava tão parecidos com os caranguejos, seus irmãos, com suas duras carapaças também enlambuzadas de lama (CASTRO, 1967, p. 2-3).

A fome, apesar de se constituir num dos tabus de nossa civilização, é a temática central da obra de Josué de Castro. E em uma das suas maiores obras, *Geografia da Fome* (1947) expondo o tema de forma científica ele veementemente denuncia a existência da fome, apontando para os grandes males promovidos pelo processo de colonização.

A fome no Brasil, que perdura, apesar dos enormes progressos alcançados em vários setores de nossas atividades, é conseqüência, antes de tudo, de seu passado histórico, com seus grupos humanos, sempre em luta e quase nunca em harmonia com os quadros naturais. Luta, em certos casos, provocada e por culpa, portanto, da agressividade do meio, que iniciou abertamente as hostilidades, mas, quase sempre, por inabilidade do elemento colonizador, indiferente a tudo que não significasse vantagem direta e imediata para seus planos de aventura mercantil. (CASTRO, 2006, p. 266).

Visa-se neste estudo fazer breves considerações do ponto de vista sociológico dessas duas grandes obras de Josué de Castro: *Homens e Caranguejos* e *Geografia da fome*. O objetivo primário é que possamos reconhecer que é um desafio imposto a nós vencer a fome e todos os abismos que separam os seres humanos uns dos outros.

2 A HECATOMBE SILENCIOSA NO “MANGUE”

O jornal Tribuna do Norte no dia 08 de outubro de 2006, publicou uma matéria intitulada: *Homem quase bicho*. A manchete dizia o seguinte:

O menino da foto é Rafael Dias Aguiar, sem idade definida, escola e assistência à saúde. Ele é um dos moradores da favela da Via Sul. Abandonado como o cão Beethoven, magro e doente, aos pés de Rafael. O menino não sabe quem foi o músico. Ele tirou o nome de um cachorro peludo bem tratado, que viu em um filme na TV sobre o mundo que ele não conhece (HUMANO..., 2006, p. 2).

Rafael é um dos muitos “João Paulos” com que nos deparamos todos os dias. Na obra autobiográfica de Josué de Castro, *Homens e Caranguejos*, João Paulo é assim como Rafael: não tem acesso aos direitos fundamentais (moradia, alimentação, saúde e educação), por isso não pode exercer sua cidadania, nem tampouco contribuir para o desenvolvimento da sociedade.

João Paulo se espelha no próprio Josué de Castro que, em dado momento da sua vida, viu-se como um *outsider*. Mas, não é apenas ele que representa Josué, outros personagens trazem consigo características do autor, o qual desde a infância cria uma forte ligação com o mangue que influenciará posteriormente todo seu modo de pensar e escrever.

Criei-me nos mangues lamacentos do Capibaribe cujas águas, fluindo diante dos meus olhos ávidos de criança, pareciam estar sempre a me contar uma longa história. ... Eu ficava horas e horas imóvel sentado no cais, ouvindo a história do rio, fitando as suas águas correrem como se fosse uma fita de cinema. ... Foi o rio o meu primeiro professor de história do Nordeste, da história desta terra quase sem história. A verdade é que a história dos homens do Nordeste me entrou muito mais pelos olhos do que pelos

ouvidos. Entrou-me por dentro dos meus olhos ávidos de criança sob a forma destas imagens que estavam longe de serem sempre claras e risonhas (CASTRO, 1967, p. 18-19).

A naturalidade com a que Josué relata o seu cotidiano nos mangues do Capibaribe, revela o fenômeno da fome aos nossos olhos. Traz à tona esse tabu de uma forma chocante para a sociedade, entretanto bem verdadeira. Fala de homens irmãos de leite dos caranguejos, já que aqueles disputam com estes o que a lama fétida do manguê oferece. A descrição inevitavelmente nos remete à imagem do homem-bicho. Aquele que não é considerado um indivíduo e muito menos um cidadão. Um ser que além de fome de comida tem fome de casa, de educação, de liberdade, de trabalho e do modelo de família tão almejado que nos foi imposto pela sociedade capitalista. Resta a esses homens-bichos apenas perpetuar essa condição de vida, fazendo com que esse ciclo cruel e desumano se repita de uma forma mais grave a cada geração.

Os habitantes dos mangues, depois de terem um dia saltado para dentro da vida, nesta lama pegajosa dos mangues, dificilmente conseguiriam sair do ciclo do caranguejo, a não ser saltando para a morte e, assim, se afundando para sempre dentro da lama. A impressão que eu tinha era que os habitantes dos mangues — homens e caranguejos nascidos à beira do rio — à medida que iam crescendo, iam cada vez se atolando mais na lama (CASTRO, 1967, p. 13).

Com o aterramento dos mangues (mudança no espaço urbano fruto da lógica capitalista), o homem expulso do latifúndio, chega à favela.

O homem do campo, expulso da terra pelo latifúndio, passa a integrar outra paisagem, troca o mocambo pela favela, levando sempre consigo a velha companheira: a fome (MELO FILHO, 2003, p. 11).

Surge o Homem-Gabiru¹. Este já não vive mais “na lama”. Ao se achar privado do seu “caldo nutritivo”, luta. Entretanto, luta com as armas que possui em mãos: alimenta-se de lixo, de sobras, transmuta-se em um ser autofágico, ou então causa medo nas pessoas.

O homem-caranguejo fora substituído pelo Homem-Gabiru. Porque, saindo do mangue, ele foi viver em tocas, em morros, em casebres e em velhos sobrados abandonados, fugindo ao convívio dos seus semelhantes, enxotado e detestado por ele, vendo-se privado do seu principal alimento. O olhar que observa é de ódio e de medo, mas o medo é recíproco, o pobre, o miserável, passou a se tornar agressivo, porque sai de seu esconderijo para procurar o alimento nas ruas, nos depósitos de lixo ou para roubá-lo dos transeuntes menos prevenidos; tornou-se um rebotalho social, perdeu a cidadania, o respeito próprio e se animalizou, sem que o poder público tivesse o menor interesse por ele. Daí o Homem-Gabiru que come restos — quando come — esconder-se dos outros homens e não ter alternativa no meio em que vive (ANDRADE, 1992, p.11).

¹ Um citação interessante é feita por MONTEIRO (2006). Ao falar sobre o preconceito “fantasmagórico” dos sulistas contra os nordestinos, ele fala do sempre retratado homem- gabiru: “Quem não se lembra do “Homem-Gabiru”? Pequeno, feio, desengonçado, pele escura, ele surgia nas fotos da imprensa sulina, “civilizada”, numa ambiência claramente neolítica: afastado no tempo, apoiado quando muito sobre um instrumento agrícola rudimentar, numa proximidade inquietante com a natureza...”

Silva (2003, p.109) cita a metáfora do Homem-Gabiru e aponta-o como um novo tipo social que germina na moderna sociedade. Segundo a doutora, surge uma população de desempregados, miseráveis e famintos com os quais somos obrigados a conviver. Este não é mais carnívoro como o homem-caranguejo, é lixívero. Um ser excluído, esquecido e instintivo, o que amedronta.

O Homem-Gabiru espalha-se pelo mundo inteiro como uma população de esquecidos. Muitos são moradores do lixo, produtos do lixo, têm a carne e alma impregnadas de lixo. São seres indesejados que parecem proliferar sem nenhum controle, que dão nojo, que se quer exterminar, que causam pânico, pavor, porque essas parecem ser as sensações que esses seres famintos causam nos cidadãos que comem todos os dias. A fome é a exclusão da terra, da renda, do emprego, do salário, da educação, da comida, da vida e da cidadania, como afirmou certa vez Herbert de Souza, o Betinho. É a morte em vida.

A classe de excluídos também se encontra isolada “culturalmente” na sociedade da informação. Essa enxurrada de informações é bem restrita a um grupo específico: uma pequeníssima percentagem privilegiada da população. Gera-se um problema social em potencial, como previsto na Teoria Weak Tie (Teoria dos Laços Fracos), esta teoria diz que:

Está ficando cada vez mais fácil para aqueles que têm acesso à Internet buscar novas oportunidades, estendendo suas redes pessoais de maneira mais eficiente do que aqueles que não têm acesso. Se, como as evidências sugerem, os usuários já tendem a vir de famílias de renda mais alta, com educação universitária,

pode se esperar que o abismo entre os níveis de renda continuará a aprofundar-se a uma taxa extremamente acelerada (CIVILLE *apud* ATAIDE, 1997, p. 2).

O mesmo João Paulo que passa fome e que não sabe ler é o mesmo que não tem autonomia para administrar sua vida. É um excluído. Mais um no mangue ou na sua “toca”. A morte de João Paulo é apenas mais uma. Na verdade ele nunca existiu para sociedade. Representa apenas a parcela subdesenvolvida que existe para que haja os desenvolvidos. Ninguém além das pessoas mais próximas sentiram a sua perda. E a história se repete... e a vida continua...

A luta para diminuir cada vez mais esse abismo pode ter como símbolo um caranguejo (indivíduo no sentido helleriano) que agarra com sua patola uma das estrelas de sua própria constelação, num movimento de saída do caos para o cosmos, pois se os olhos são as "janelas da alma", as estrelas são as "janelas do mundo (MELO FILHO, 2003, p. 19).

3 DISSIMULAÇÃO GEOGRÁFICA DA FOME

Os viajantes não deixaram de apanhar o ouro, os rubis e as esmeraldas. “Onde estamos? Exclamou Cândido. Os filhos dos reis desse país devem ser muito bem educados, pois ensinam-lhes a desprezar o ouro e as pedrarias.”.... Imediatamente dois rapazes e duas moças da hospedaria, vestidos de pano dourado, e tendo os cabelos presos com fitas, convidaram-nos a sentar-se à mesa comum. Serviram quatro sopas, cada qual guarnecida com dois papagaios, um condor cozido que pesava duzentas libras, dois macacos assados de sabor excelente, trezentos colibris numa

travessa, e seiscentos beija-flores em outra; maravilhosos ensopados, deliciosos doces; tudo em travessas de uma espécie de cristal de rocha. Os rapazes e as moças da hospedaria serviam vários licores, feitos de cana de açúcar (VOLTAIRE, 2003; p. 76).

O fragmento acima faz parte de *Cândido* (obra de Voltaire), e descreve parte da lendária terra de Eldorado referenciada por Castro em *Geografia da Fome* (CASTRO, 2006; p. 32).

“Mesmo nosso continente, chamado o da abundância e simbolizado até hoje nas lendas do Eldorado, sofre intensamente o flagelo da fome”. Castro inicia esta obra referindo-se à fome como fenômeno mundial (conforme citado acima), assunto perigoso e delicado, e com pouquíssimos estudos qualitativos. Não que estes estudos não sejam necessários. A carência deles é um dos motivos que faz com que as organizações culturais vigentes, tornem-se incapazes de satisfazer a mais fundamental das necessidades – a necessidade de alimentos.

No prefácio do livro, Josué fala do tabu que envolve o tema. Segundo ele, um dos fatores promotores desse silêncio, é que este é um assunto instintivo, ou seja, algo que envolve irracionalidade.

O fenômeno da fome, tanto a fome de alimentos, como a fome sexual, é um instinto primário e por isso um tanto chocante para uma cultura racionalista como a nossa, que procura por todos os meios impor o predomínio da razão sobre o dos instintos na conduta humana (CASTRO, 2006; p. 12).

O médico deixa bem claro em toda sua obra que a fome não obedece a uma lei natural, ou seja, não é determinada por características de clima e de solo, por exemplo. Antes, a fome é resultado de desequilíbrios sociais. Ao contrário dos que atribuíam o fenômeno a acidentes climáticos, Josué de Castro mediu e comprovou que havia

carências alimentares tanto no Nordeste seco, quanto na Zona da Mata chuvosa. A fome, no entanto, é colocada como um fenômeno natural com o intuito de mascarar sua verdadeira causa. Castro discorda de modo veemente deste ponto de vista.² Uma passagem do autor é bem pertinente ao assunto:

Orientada a princípio pelos colonizadores europeus e depois pelo capital estrangeiro expandiu-se no país uma agricultura extensiva de produtos exportáveis ao invés de uma agricultura extensiva de subsistência, capaz de matar a fome do nosso povo (CASTRO, 2006, p.267).

O subdesenvolvimento da maioria, e por que não dizer, de todos os países é resultado do desenvolvimento de outros países. Quantos países só aqui mesmo, na América do Sul compartilham dessa origem? E no mundo? Países que tiveram suas riquezas exploradas com o objetivo de atender os interesses do capital estrangeiro. Este mesmo capital dita hoje o direcionamento dos escassos recursos destes países. Daí surge o dilema brasileiro (por sinal, o subtítulo da obra em questão): o dilema do pão ou do aço. Investir na industrialização ou na melhoria social? Afinal, industrialização para quem? É verdade que os investimentos no “aço” são fundamentais para o desenvolvimento de uma nação. Mas até aonde ir? Até que ponto deve-se negar o cuidado fundamental a estes humanos? Além disso, a filosofia de desenvolvimento no nosso país não se mostra efetiva quanto à integração das áreas marginais no sistema econômico. Esquece-se de cimentar a economia.

O pernambucano fala ainda da fome oculta. Uma fome por falta de elementos nutritivos. Um exemplo clássico é a incidência da pelagra em regiões onde a base da

² VALENTE (2002, p.29) concorda com a visão de Josué de Castro: “A fome, a desnutrição e o analfabetismo são facetas de uma vida de miséria imposta a uma parcela significativa da população brasileira pelo processo histórico de exploração econômica imposto por um sistema colonialista e imperialista e que conta com a participação ativa de classes dominantes locais e submissas que se beneficiam do mesmo processo”.

alimentação é o milho. Deficiências nutricionais das mais diversas surgem em sistema econômico-social baseado na monocultura latifundiária. Para Gilberto Freyre:

De modo geral, em toda a parte onde vingou a agricultura, dominou no Brasil escravocrata o latifúndio, sistema que viria privar a população colonial do suprimento equilibrado e constante de alimentação sadia e fresca. Muito da inferioridade física do brasileiro, em geral atribuída toda à raça, ou vaga e muçulmanamente ao clima, deriva-se do mau aproveitamento dos nossos recursos naturais de nutrição. Os quais, sem serem dos mais ricos, teriam dado para um regime alimentar mais variado e sadio que o seguido pelos primeiros colonos e por seus descendentes, dentro da organização latifundiária e escravocrata (FREYRE, 1998, pp. 32-33)

Há a fome que não é sentida apenas pelos excluídos, que é resultado do processo de globalização e traz consigo um novo paradigma de comensalidade. As “soluções” alimentares para este novo estilo de vida são comidas: rápidas, hipercalóricas e pobres em micronutrientes. Uma famosa rede mundial de *fast-food* começou recentemente a servir pizza com borda de cachorro quente, outra faz comumente promoções de complete alguns centavos e leve o dobro (tortas, sorvetes, etc.), uma terceira oferece refrigerante à vontade aos seus clientes, os baldes de pipocas do cinema ficam maiores, os copos de refrigerante também. Uma carga de calorias vazias e os obesos, dislipidêmicos, diabéticos, morrem de fome. Uma fome de nutrição. Diez Garcia (2003, p. 2) faz um comentário sobre as ressonâncias deste quadro:

Influenciadas pelos avanços tecnológicos na indústria de alimentos e na agricultura e pela globalização da economia, as práticas alimentares contemporâneas têm sido objeto de

preocupação das ciências da saúde desde que os estudos epidemiológicos passaram a sinalizar estreita relação entre a dieta - afluyente - e algumas doenças crônicas associadas à alimentação, motivo pelo qual o setor sanitário passou a intervir mudanças nos padrões alimentares.

A globalização que engorda, também descaracteriza, já que a culinária, refletida no alimento posto a mesa, constitui-se num ponto forte da cultura dos povos. Os alimentos são padronizados de acordo com a ditadura das nações ditas “superiores”. Um grande exemplo é o Brasil, originalmente dono de uma culinária riquíssima, um caldeirão que funde três culturas distintas, tornando-as uma cultura *sui generis*, antropofágica e super convidativa aos sentidos: colorida, cheirosa e bem temperada. Esse perfil está desaparecendo. A nossa origem, está sendo destruída e sendo substituída por um molde. Comida igual, para pessoas iguais em lugares idênticos: fome de individualidade.

O acesso à cultura de seu povo é negado aos que experimentam a fome (privação alimentar). A anulação desse contato, mais uma vez coloca os excluídos numa situação de alienação: bocas são caladas, olhos fechados e ouvidos tampados. Quem não come, não discute, não protesta. Sem a conexão com seu eu, suas memórias, o passado de seu povo, o seu corpo e *espírito*, não podem resgatar lembranças que tornam essas pessoas diferentes da multidão. Surge a fome. Fome da sua essência, fome de ser único pelo menos no instante em que o gosto do queijo prensado remete à infância, ou que o barulho do feijão borbulhando dá saudades da casa da mãe, ou ainda o cheiro do carneiro torrado que faz reviver os almoços de domingo numa mesa cheia e barulhenta. De forma bem peculiar Certeau *et al.* (1996, p.212) falam sobre mais esse papel do alimento, da nutrição, na vida das pessoas:

Além disso os hábitos alimentares constituem um domínio em que a tradição e a inovação têm a mesma importância, em que o presente e o passado se entrelaçam para satisfazer a necessidade

do momento, trazer a alegria de um instante e convir às circunstâncias.

Valente (2002) concorda com esta visão, ao dizer que o ato de alimentar-se para o ser humano está ligado à sua cultura: “Comer pratos característicos da cultura, infância, com a família ou pessoas queridas, renova o ser. Dá-lhe dignidade, força interior”. Sem dúvidas, esse era o ponto de vista de Castro. Não queria apenas o fornecimento de uma “ração básica”. A luta era (e é) por algo muito mais grandioso: uma luta pela dignidade, pela (re)construção do ser, pela formação, pela potencialização de dimensões. Uma terra de seres pensantes e críticos.

Uma das propostas para corrigir a atual situação, que coloca os homens em condições sub-humanas, é a citada abaixo por Josué de Castro:

Promover o desenvolvimento econômico-social autêntico será antes de tudo procurar atenuar esses desníveis, através de uma melhor distribuição da riqueza e de um mais justo critério de investimentos nas diferentes regiões e nos diferentes setores das atividades econômicas do país (CASTRO, 2006, p.272).

Castro dedicou sua vida a denunciar e enfrentar a calamidade social no mundo, e o seu reflexo mais cruel: a fome. Mas, outras pessoas também se empenharam nessa luta. Por exemplo: Betinho, que se empenhou em campanhas para um Brasil sem Fome; o irmão Antônio, morador de Petrópolis-RJ, que tem como objetivo “procurar a dignificação de quem está caído na rua”, para isso criou a Hospedaria Bento Meni para moradores de rua; e outros milhões de pessoas que todos os dias fazem um pouco para melhorar um pouco a situação daquele que está “ao seu lado”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A categoria cuidado se mostrou chave decifradora da essência humana. O ser humano possui transcendência e por isso viola todos os tabus, ultrapassa todas as barreiras e se contenta apenas com o infinito. Ele possui algo de Júpiter dentro de si; não sem razão recebeu dele o espírito (BOFF, 1999, p. 189).

Por se constituir a essência do humano, o cuidado faz com que tabus se rompam. Inclusive o tabu da fome tão discutido por Josué de Castro. Este é a prova viva da transcendência que viola tabus. Ele e outros nos deixaram exemplos imortais para que possamos agregar toda força necessária para que nos engajemos com força, coragem e fé nessa luta pela dignidade.

É um desafio imposto a nós vencer a fome e todos os abismos que separam os seres humanos uns dos outros. Que sejamos os primeiros a não colocar “os porcos na prioridade de escolha de alimentos”. Que retiremos todas as máscaras que escondem a verdadeira razão de bilhões sentirem fome todos os dias. Que lutemos para que essa grande massa possa se sentir cidadã. Quando isso acontecer poderemos dizer que no momento em que vencermos a fome, venceremos também o subdesenvolvimento.

Que o cuidado aflore em todos os âmbitos, que penetre na atmosfera e que prevaleça em todas as relações! O cuidado salvará a vida, fará justiça ao empobrecido e resgatará a Terra como pátria e mátria de todos (BOOF, 1999, p.191).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. Homem-Gabiru: a ausência de alternativas? (Prefácio). In: Portella;T.; AAMOT, D.; PASSAVANTE, Z. **Homem-Gabiru: catalogação de uma espécie**. São Paulo: Hucitec, 1992.

ATAIDE, Maria Elza Miranda. O lado perverso da globalização na sociedade da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 26, n. 3, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651997000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 July 2007.

BANDEIRA, Manuel. **O bicho**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: a ética do humano: compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. 6. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CASTRO, Josué de. **Homens e caranguejos**. Brasília: Porto, 1967.

CERTEAU, M. et al. **A invenção do cotidiano**. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, V. 2, 1996.

DIEZ GARCIA, Rosa Wanda. Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana. **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 16, n. 4, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-5272003000400011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 Jul. 2007.

MELO FILHO, Djalma Agripino de. Mangue, homens e caranguejos em Josué de Castro: significados e ressonâncias. **Hist. Cienc. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, maio/ago. 2003.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. 34. ed., Rio de Janeiro: Record, 1998.

FURTADO, J. (Diretor). **Ilha das Flores** [Documentário]. 1989.

MONTEIRO, Pedro Meira. Os fugitivos e os mastins: em torno dos homens brutos de Cairu. **Estud. av.**, São Paulo, v. 20, n. 56, 2006. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000100014&lng=en&nrm=iso >. Acesso em: 23 Jul. 2007.

SILVA, T. E. M. A modernidade do lixo. In.: ALMEIDA, M. C. et al. (Org.). **Polifônicas idéias**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

HUMANO quase bicho. Tribuna do Norte. Caderno Natal. p. 2. 08 out. 2006.

VALENTE, Flávio Luiz Schieck. **Direito humano à alimentação: desafios e conquistas**. São Paulo: Cortez, 2002.

VOLTAIRE, F.M.A.. **Cândido**. Trad. Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.